



Disputa de Narrativas e a Construção do Território Semiárido n'O Candeeiro¹

Vanessa Gonzaga SANTOS²
Mestranda

Guilherme Moreira FERNANDES³
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo

Este trabalho busca compreender como os boletins impressos *O Candeeiro*, sendo analisados como ferramenta de construção de uma narrativa em torno do conceito de Semiárido brasileiro, entendido como território socialmente construído com base em Santos (2007), pode disputar as narrativas midiáticas. Utilizaremos o método de análise de narrativa proposto por Martino (2018) para entender qual a narrativa, seu ponto de vista, classificações e ausências. O estudo elencou, a partir da análise, como a construção dos textos e escolhas das imagens podem contribuir para uma visão em multiperspectiva deste território e das populações que nele habitam.

Palavras-chave: História da Mídia Alternativa; Análise de Narrativa; Semiárido; Território; O Candeeiro

Introdução

Criado pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) no início dos anos 2000, o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) implementa ao longo do território conhecido como Semiárido brasileiro uma série de políticas sociais de acesso à água, sendo a mais conhecida delas a cisterna para captação de água da chuva. Para a implementação do programa existe um protocolo, sendo uma delas a necessidade de sistematização de iniciativas que deram certo e registro de práticas locais de convivência no Semiárido. É a partir desses objetivos que ASA formula o boletim impresso *O Candeeiro*.

Neste artigo, iremos fazer um resgate da história do boletim *O Candeeiro*, entendendo o seu contexto de criação, a forma como ele é produzido e analisar quais as narrativas empreendidas nele para construir e disputar o conceito de Semiárido. A opção em narrar este território através da mídia tem uma relação direta com este processo de constante atualização do que se entende por território Semiárido.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB, email: vanalpj@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do PPGCOM/UFRB.

A metodologia deste trabalho é análise de narrativa, com base na proposta de Martino (2018), quando aponta que ela tem o potencial de nos ajudar a visualizar as estratégias e modos de contar histórias presentes nos boletins, que ao mesmo tempo em que produzem uma noção de Semiárido, elas também o compreendem como objeto de disputa.

A partir daí, foi possível verificar que o boletim é fruto dessa nova visão do que é Semiárido que se apresenta com mais força a partir da década de 1990 e ao mesmo tempo ajuda a construir essa narrativa tanto a partir dos aspectos gerais do clima, cultura e modo de vida, mas também dos aspectos específicos encontrados nas histórias das famílias e comunidades rurais beneficiadas pelo Programa Uma Terra e Duas Águas.

A criação do boletim O Candeeiro

No Brasil, durante a década de 1980, num contexto de governos neoliberais e de enfraquecimento e descentralização do papel do Estado na execução de políticas públicas, ficaram marcadas as diversas iniciativas de Organizações Não-Governamentais (ONG's), movimentos sociais e religiosos que iniciaram no Semiárido a prestação de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) com base no ideal da comunicação dialógica, participativa e referenciada.

É nesse contexto que é fundada a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) em 1999, uma rede formada por sindicatos de trabalhadores rurais, movimentos sociais, organizações feministas, associações e cooperativas presentes nos dez estados que compõem o Semiárido, afirmando a necessidade atuar na contramão da Indústria da Seca e incorporando nas suas ações de Assistência Técnica e Extensão Rural a Convivência com o Semiárido junto com a luta pela defesa dos direitos dos povos e comunidades da região.

O Semiárido brasileiro abrange 1.262 municípios dos nove estados da região Nordeste e parte do estado de Minas Gerais, segundo resolução nº 115 de 23 de novembro de 2017, com dados da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Sua área se estende por aproximadamente 1,03 milhão de km² e nela vivem cerca de 26 milhões de habitantes, de acordo com o IBGE (2010). Por sua longa extensão territorial, o Semiárido também é caracterizado pela diversidade de modos de vida, de expressões culturais, ritmos, danças, religiões; possui formações sociais específicas a depender de cada local e abriga muitos modos diferentes de viver e produzir.

É diante desse território com características climáticas e sociais específicas que se passa a discutir a necessidade de políticas de acesso à água e outros direitos fundamentais aos povos do Semiárido. Duas importantes iniciativas estão dentro do Programa de Mobilização e Formação Social para a Convivência com o Semiárido: o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) e o Programa Uma Terra e duas Águas (P1+2), ambos formulados pela ASA e propostos ao Governo Federal no início dos anos 2000.

Para a implementação destas políticas existe uma metodologia, firmada na autonomia dos indivíduos, no fortalecimento dos processos de organização social e processos formativos baseados na educação popular e várias outras premissas, sendo uma delas a necessidade de sistematização, sendo este um processo pedagógico de construção coletiva dos conhecimentos, de divulgação de iniciativas que deram certo e registro de práticas locais de convivência no Semiárido. É a partir desses objetivos que ASA formula o boletim impresso *O Candeeiro*.

Produzido por comunicadores e comunicadoras de organizações que compõem a ASA, *O Candeeiro* é um material impresso de caráter informativo que sistematiza experiências da agricultura familiar do Semiárido brasileiro ligadas ao P1+2. Segundo a própria ASA, já foram produzidas 2.324 edições do boletim desde 2007. Os boletins têm de duas a quatro páginas, são impressos em formato A4 e tem um modelo único. A tiragem de cada boletim é de mil exemplares, que ficam com a família que teve sua história contada para que distribua como achar melhor. Em alguns casos os boletins também são impressos como *banners*, para apresentações em eventos e congressos.

Os boletins também são disponibilizados pela internet através do site da ASA. Na plataforma também é possível filtrar as publicações por estado, por período de publicação, pela organização que o produziu e por 15 temas, sendo eles: acesso à água, acesso à terra, agricultura familiar, agrobiodiversidade, agroflorestas, criação animal, cultura, economia solidária, educação contextualizada, juventude, manejo da Caatinga, mulheres, organização comunitária, quintais produtivos e sementes. Além disso, cada estado tem uma cor de boletim diferente, o que facilita a diferenciação deles com cores que remetem às paisagens e os cenários desse território. Os boletins contam como a construção das cisternas e o acesso a outras políticas sociais mudaram a paisagem da região que é comumente retratada pelos meios de comunicação de massa sob o estereótipo do chão rachado, do gado morto e

dos flagelados da seca, agora com imagens de um Semiárido vivo, verde, produtivo e um lugar de possibilidades para a população do campo que vive ali. De acordo com a ASA, o investimento nos boletins como uma contribuição para a comunicação popular é uma “estratégia para divulgar a imagem positiva do semiárido, bem como animar/facilitar os processos de comunicação nos territórios” (ASA, 2013, p. 22)



Boletins produzidos na Bahia, Alagoas e Pernambuco, respectivamente (Fonte: ASA)

Para Rios (2018), os boletins não possuem necessariamente um texto jornalístico, ainda que seja produzido por profissionais da assessoria de comunicação das entidades ligadas à ASA. Segundo a autora, eles são mais uma forma de narrar as histórias das famílias e como elas convivem de forma positiva com o Semiárido, tendo o aporte das políticas sociais para lidar com as adversidades do clima e meio ambiente. Para Rios, *O Candeeiro* é também um instrumento pedagógico de construção coletiva do conhecimento, já que a forma com que ele conta as histórias potencializa também a divulgação das iniciativas bem-sucedidas no campo da agricultura familiar e o registro de saberes e práticas locais.

A conquista das políticas, a mobilização das comunidades e as imagens que mostram um outro Semiárido tem o potencial de construir narrativas diversas em torno dessa região, considerando que a mídia tem um papel fundamental nisso, através de um processo social e coletivo na vida em sociedade. Ainda que não seja um trabalho massivamente conhecido, *O Candeeiro* tem mais de duas mil edições, com cada uma tendo a tiragem de mil exemplares, fora a possibilidade de acesso aos boletins pela internet. Para a própria ASA, o boletim tem

Efeitos relevantes como a produção e a socialização do conhecimento, a elevação da autoestima das famílias ao terem suas histórias registradas e reconhecidas e o aumento da consciência das famílias com relação ao seu processo de produção e outros elementos envolvidos na vida delas. (PROGRAMA, 2021)

Trata-se de um modelo de comunicação não hegemônico, mas que tem o potencial de se espalhar, e como seu próprio nome anuncia, alumiar as diversas narrativas que estão em constante construção no Semiárido brasileiro.

A construção narrativa do Semiárido como Território

Iqani e Resende (2019) propõem uma re teorização dos estudos de mídia no sul global. Partindo dessa perspectiva é que se propõe a ideia de sul global, que vai envolver as sociedades que têm em comum histórias de exclusão e opressão. Esta se propõe a ser uma nova estrutura que possibilita a concepção sobre o papel da mídia na cultura global não mais centrada no norte, ou no ocidente, nos países desenvolvidos, de primeiro mundo ou qualquer outra denominação semelhante.

Essa demarcação é fundamental para entender o desequilíbrio de poder entre norte e sul no alcance das produções e dos seus incentivos. Daí a necessidade de reflexão em torno das formas populares contemporâneas da comunicação e suas áreas empíricas a partir desta perspectiva das teorias produzidas no sul. Neste estudo, situamos o boletim *O Candeeiro*, produzido nos 10 estados que fazem parte do Semiárido brasileiro como uma dessas experiências contemporâneas produzidas no sul global.

Partindo deste tipo de iniciativas de comunicação, os autores sinalizam a concepção de comunicação como um fenômeno cultural, intertextual, que tem o potencial de ser dialógico e coletivo. Essa concepção se aproxima do que sinaliza Paulo Freire quando altera de maneira significativa o conceito e a atuação da comunicação para o desenvolvimento nas políticas de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) no Brasil e na América Latina, noção amplamente utilizada pelas organizações e entidades que constroem as políticas de convivência com o Semiárido, a exemplo da ASA.

Mais que transmitir significados, as narrativas midiáticas são importantes sistemas de representação e estão ligadas às subjetividades, poderes e afetos. Essas narrativas também se movimentam em fluxos, construindo, inventando e produzindo territórios imaginários.

Iqani e Resende utilizam o conceito de território e para entender melhor o conceito, eles acionam também a produção teórica de Milton Santos, que vai analisar essa configuração territorial entendendo o território como a produção de um espaço habitado, onde meios de produção, pessoas, técnicas e tecnologias estão uma constante relação de colisões, de onde surgem e se reinventam as formas de existir. Para Santos, o território não é apenas a soma das características naturais comuns a um espaço, mas ele se constitui quando é usado, quando há relação de identidade, de sentimento de pertença com aquele local, de forma que “o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e do exercício da vida” (SANTOS, 2007, p. 14).

Essa proposição é fundamental para entendermos o Semiárido como território para além de suas características de relevo, pluviométricas e climáticas. É evidente que estas características são importantes na sua definição e na escolha de técnicas, programas e tecnologias sociais de convivência e de acesso à água, mas não é só dessas definições que o Semiárido se constitui, mas também pelo seu povo, pela diversidade das suas manifestações populares, da sua cultura, da religião, e das formas encontradas para se adaptar a vida e a produção de alimentos nesta região.

Além disso, para entender o que aqui se conceitua como território é importante considerar o elemento das disputas e colisões, já que as territorialidades estão em constante produção. É nesse sentido que o conceito de Semiárido é também um lugar inventado, em constante reinvenção e fruto das disputas. Iqani e Resende apontam que essa disputa é parte constituinte das questões em torno da mídia, já que as narrativas empreendidas por ela também fazem parte desta disputa.

Dessa forma, compreendemos que assim como a noção de sul global, o conceito de Semiárido, entendido como território, se configura também como uma construção que faz parte das relações de poder e das disputas midiáticas, já que é dentro das narrativas da mídia que as pessoas constroem e interpretam seus entendimentos sobre aquele espaço em que habitam. Quando olhamos para as imagens, temas e histórias presentes nos boletins produzidos pela ASA, visualizamos que ali há uma disputa em torno do que se chama de Semiárido. Se num passado recente a noção hegemônica que se tinha sobre este território era o da miséria e da improdutividade, as narrativas empreendidas n’*O Candeeiro* trazem outras perspectivas em torno do que é viver e produzir aqui. O que queremos sinalizar neste

artigo é que *O Candeeiro* não é apenas um produto das relações sociais no Semiárido, como também o ajuda a construí-lo a partir das imagens, histórias e relatos que visibiliza.

Analisando as narrativas no Boletim *O Candeeiro*

Para entender como as narrativas empreendidas nos boletins *O Candeeiro* tem uma relação direta com a construção social do território Semiárido, optamos neste artigo por utilizar a metodologia de análise de narrativa. Optamos aqui por considerar a narrativa em um conceito mais amplo, entendida “como toda história organizada de maneira que possa ser compartilhada” (MARTINO, 2018, p. 168).

Para Martino, as narrativas não somente mostram a realidade, como as constroem, e por isso elas também se configuram como espaços de disputa se partirmos da compreensão de que os fatos não falam por si mesmos, mas passam a fazer sentido quando inseridos numa narrativa.

Dessa forma, para fazer a análise de narrativa, nos concentraremos em cinco eixos: O primeiro deles é identificar do que a narrativa está falando; o segundo é a observação de como esta narrativa se apresenta e quais recursos a sustentam; o terceiro é identificar o ponto de vista de quem conta a narrativa; o terceiro é entender como o texto se relaciona com o seu contexto de produção, e o quinto e último é tentar captar os silêncios e ausências, ou seja, questões que não estão sendo levadas em consideração naquela narrativa.

Para a seleção do corpus empírico deste artigo, foi necessário fazer uma filtragem na seleção dos boletins. Como não será possível empreender uma análise profunda de todos os boletins produzidos nos dez estados, selecionaremos aqui boletins do estado da Bahia, que é o estado do Nordeste que proporcionalmente tem a maior quantidade de municípios incluídos na definição de Semiárido feita pela Sudene, com 278 dos seus 417 municípios.

Analisaremos os cinco boletins mais recentes publicados no acervo da ASA que tem como tema principal o Acesso à Água, que pode ser acionado como eixo temático na ferramenta de busca no acervo e que é também o foco de atuação do Programa Uma Terra e Duas Águas. Ao invés de analisar cada boletim separadamente a partir dos 5 eixos propostos na metodologia de análise de narrativa, os boletins serão observados de maneira coletiva a partir de cada eixo, que já elencamos anteriormente.

Qual é a narrativa?

A edição nº 2354, com o título “De toda vida meu sonho é de ter uma água pra mim fazer plantação”, tem como protagonista a agricultora Jesulina Malheiros, moradora da Fazenda Ventura, localizada na cidade de Guanambi (BA). A história de Jesulina se divide no passado, quando trabalhava como agricultora assalariada; no presente, onde a instalação de um poço artesiano da fazenda possibilitou a organização de um quintal produtivo com grande variedade de frutas e verduras; e o futuro, já que a agricultora acabava de ser beneficiada com a cisterna calçadão, que possibilita o armazenamento de até 52 mil litros de água para o uso na plantação e criação de pequenos animais.

Com o título “Felicidade e Bem Viver no Campo: a história de vida da Família Santos”, a edição nº 2374 do boletim *O Candeeiro* é ambientada na comunidade rural da Baixa do Couro, em Jacobina (BA). A história da família Santos é perpassada por um fato que era muito comum, o êxodo rural. Durante nove anos, parte da família viveu em São Paulo (SP). Sem perspectivas de desenvolvimento profissional por lá, a família de Ivoneide, Passarinho e Clécia retornou para a comunidade e encontraram o casal Ivanilda e Inácio, irmão de Passarinho, e filhos Iago e Daniel e apenas nove meses após o retorno já vivem do que plantam, comercializando a produção excedente.

Já a edição nº 2388, intitulada “Tendo água, de tudo dá na terra”, conta a história de Rosimeire Silva e Edilson Rocha, moradores da comunidade Nossa Senhora Aparecida, no município de Itaberaba (BA). Produzindo hortaliças há 10 anos, o casal projeta o aumento da produção de alimentos a partir da construção de uma cisterna calçadão, já que até o momento a água utilizada vinha através da estrutura da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), o que fazia com que a família pagasse um preço alto na tarifa de água. Agora, além de autonomia e segurança na produção, a construção da cisterna vai possibilitar que o casal ingresse também na criação de galinhas e outros animais de pequeno porte.

A história do casal Claudenice Dias Porto e Antônio Gonçalves Porto, agricultores residentes na comunidade de Lagoa do Buqueirão, município de Sebastião Laranjeiras (BA) é contada na edição nº 2355 do *O Candeeiro*, intitulado “Conquista da água de produção: o sonho de permanecer na própria comunidade”. A história do casal também é marcada pelo êxodo rural, já que para conseguir renda, Antônio passou mais de 10 anos trabalhando no corte da cana e na colheita de laranja nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A possibilidade de construção de uma cisterna para a família foi o que possibilitou o

retorno de Antônio para a comunidade. Agora, a perspectiva da família é produzir e viver do que o quintal produtivo cuidado inicialmente por Claudenice irá render, projetando o crescimento da produção com uma maior oferta de água.

Ambientada na Fazenda Giral, no município de Caém (BA), o boletim de nº 2375, com o título “O fortalecimento da juventude no campo através das organizações sociais: as experiências de Elisangela e Jogleidson” conta a história dos dois primos, que, ao contrário do cenário comum da comunidade, onde os jovens se deslocam para a zona urbana em busca de emprego, decidiram permanecer no campo e impulsionar a organização comunitária através de uma associação beneficente e do grupo auto organizado de mulheres. A chegada das políticas de acesso à água foram fundamentais para diversificar a produção das famílias do local. Agora, a comunidade também beneficia a mandioca, produzindo biscoitos e beiju, que são destinados para a merenda escolar a partir do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Ficção ou realidade?

Aqui, o objetivo é entender como as narrativas se apresentam e no que elas se sustentam, observando as fontes, a linguagem utilizada, dentre outros elementos. De maneira geral, é visível que as narrativas partem principalmente dos relatos dos protagonistas de cada boletim, que também aparecem nas fotografias utilizadas e têm suas vozes priorizadas, com aspas longas, que ajudam a deixar a linguagem dos boletins fácil, fluida e possível de ser lida por diferentes públicos.

As imagens, que ocupam uma boa parte do espaço do boletim, ajudam a confirmar o que se diz através de texto com imagens da própria família, dos alimentos vindos dos quintais produtivos, das cisternas e das pequenas plantações. Elas não só ratificam as informações dadas no texto, a exemplo do processo de construção das cisternas, técnica central do P1+2, como também ajudam a compor a história e dar cara e características aos personagens centrais.

Em todos os boletins as aspas com citação direta das falas dos personagens são valorizadas e se alternam com a escrita em terceira pessoa feita pelo comunicador que redigiu o texto, que geralmente apenas complementa as informações de forma mais concisa. É notável que a transcrição das falas é feita da forma mais fiel possível ao modo com que as fontes falam, com suas abreviações, os termos populares que usam. Estes agricultores e

agricultoras relatam suas memórias sobre o local onde vivem antes da chegada das políticas, falam do processo de implantação das mesmas e fazem projeções acerca das mudanças na vida da família, tanto no tocante ao aumento da produção, quanto no impacto das políticas na questão econômica das famílias, na sua permanência no campo e na produção agroecológica.

Apesar de pequenas diferenças no formato, como as alterações no tipo de fonte, no layout e diagramação do boletim e na organização do texto, eles possuem muitas semelhanças. Todos eles têm o cabeçalho em tom laranja escuro, cor escolhida para ilustrar todos os boletins produzidos na Bahia. Neste cabeçalho constam, além do número da edição, o mês e ano em que ele foi produzido, além da cidade e da ONG que ajudou na produção dos boletins, que neste caso são o Centro de Agroecologia no Semiárido (CASA); o Movimento de Organização Comunitária (MOC) e a Cáritas Diocesana de Ruy Barbosa. Neles não há nenhum texto de expediente, informando quem redigiu os textos, fez as fotografias e editou os impressos, mas constam a logomarca dos órgãos de Estado ligados à realização e financiamento do programa.

Ponto de Vista

Na própria concepção dos boletins, a assessoria de comunicação da ASA deixa muito demarcado que a produção dos boletins é de responsabilidade dos comunicadores populares das ONG 's ligadas à ASA que executam os projetos do P1+2 nas comunidades rurais. É essencial reafirmar isso porque é visível que elas se diferenciam porque, evidentemente, não há apenas uma forma de contar uma história e isso fica muito visível nos boletins.

Silva (2018) observa que muitas vezes os próprios comunicadores se colocam na escrita, ainda que de forma muito sutil, como por exemplo, priorizando uma determinada abordagem e excluindo outras. Isso traz um olhar externo sobre aquela experiência que tem um impacto na proposta do boletim, que é contar a história a partir das próprias famílias, mas, como não são elas mesmas que constroem o texto e escolhem as imagens, é importante ressaltar que esse olhar de quem vem de fora também se expressa na construção do impresso.

Um último elemento ligado a essa questão é que pelo grande espaço de abrangência da ASA, a ONG decidiu adotar um modelo descentralizado de produção e que tem consequências diretas na qualidade do texto, das imagens, da diagramação, dos temas e

histórias que são escolhidos ou descartados, entre outros. Se essa perspectiva plural é fundamental na concepção de comunicação popular da Articulação, ela também deve ser levada em conta quando se pensa qual o ponto de vista ocupado por cada comunicador que narra as histórias.

Classificações e categorias

Agora, o foco é elencar quais são os valores, fundamentos e as ideias que dão base à narrativa dos boletins mas que nem sempre estão evidenciados e verificar como se relacionam texto e contexto. O primeiro elemento que fundamenta todas as histórias presentes na amostragem selecionada é o relato da memória para entender qual era a situação antes da implementação do P1+2. Em todos os boletins, o cenário é muito parecido: as famílias não tinham acesso à água ou precisavam pagar caro por ela e diante da impossibilidade de produzir em suas terras, esses agricultores migravam para o trabalho como assalariados em empresas do agronegócio, a exemplo de Antônio e Jesulina; iam para os centros urbanos, a exemplo da família Santos ou viviam no local com muita dificuldade para produzir e tendo como principal fonte de renda as políticas de geração de renda como o Bolsa Família, como é o caso de Edilson e Rosemeire.

Um valor muito importante é o da família. Primeiro porque elas são o foco central na narrativa dos boletins, já que as políticas do Programa Uma Terra e Duas Águas são pensadas com base no contexto e consumo de uma família de médio porte. Embora existam boletins produzidos com base em experiências de organização comunitária, o eixo familiar é central na construção das histórias.

A questão em torno do que hoje compõe a visão que se tem do Semiárido é um componente muito presente nos escritos. Por ter como princípio a valorização e a visibilidade das imagens de um Semiárido onde é possível viver e produzir, os sinais de fartura, riqueza e prosperidade nas produções é algo muito presente. As imagens típicas de seca, miséria e vulnerabilidade dão lugar às imagens de pessoas sorridentes, orgulhosas de sua produção; da cisterna, ferramental essencial para possibilitar a convivência com as características climáticas deste território; do cuidado e do trabalho na terra; da variedade de alimentos produzidos em uma pequena extensão de terra, essencial para o equilíbrio da biodiversidade.

Dar espaço para as histórias de êxito acompanhadas dessas imagens atua na produção deste território chamado de Semiárido, onde não falta água, mas faltava estrutura para conviver com suas características. Emplacar essas narrativas como tema principal de milhares de boletins é um elemento importante para entender como se dá a disputa em torno das narrativas que rodeiam esse lugar, afirmando que existem outras formas de viver neste espaço e também de mostrá-lo.

Se entendidos dentro dos princípios de organização da ASA e de sua missão como entidade, os boletins agem para reafirmar o argumento central que funda a Articulação na década de 1990: a Assistência Técnica e Extensão Rural e a Comunicação para o Desenvolvimento podem ser efetivos quando levam em conta as realidades, a bagagem e os aprendizados que os agricultores e agricultoras têm, além de possibilitar uma comunicação dialógica, com a participação em diferentes níveis de cada sujeito envolvido no processo.

Silêncios e Ausências

Evidentemente, existem fatos e elementos que não aparecem na narrativa, sendo excluídos de forma inconsciente ou proposital. O primeiro desses elementos é justamente o da família. Nessa amostragem dos boletins todas as famílias são formadas por casais cisgêneros e heterossexuais. A única história em que o foco é na mulher e mãe da família é na história de Jesulina, pois ela é viúva. É evidente que existem diversos formatos de família no Semiárido, como as monoparentais, com pais e filhos LGBT e outras configurações, como em qualquer outro lugar do mundo. Talvez fosse interessante para os boletins valorizar a diversidade de formação das famílias nesse território que já abriga uma pluralidade em diversos outros aspectos sociais e culturais, além de dar visibilidade a essas formações familiares que por muito tempo foram estigmatizadas.

Outra questão não aparente é a divisão sexual do trabalho. Um boletim que ilustra bem essa questão é a edição nº 2355, já que para garantir o sustento da família, Antônio teve que migrar mais de 10 vezes para trabalhar por meses na colheita da safra de laranjas ou no corte da cana de açúcar. Todas as vezes, Claudenice ficou sozinha com os dois filhos e ela relembra que passou por momentos difíceis, especialmente quando as crianças adoeciam e ela sequer conseguia comunicar ao marido. Ela afirma que durante as idas “tem que ser pai e mãe ao mesmo tempo”. Muito se discute a relação da divisão sexual do trabalho e da dupla jornada de trabalho das mulheres nos centros urbanos, mas os boletins

poderiam problematizar mais a questão, produzindo também um material educativo e informativo sobre a justa divisão do trabalho entre homens e mulheres.

Se estamos falando de um território em que historicamente existem disputas pela posse da terra e de outros recursos naturais, também é visível que *O Candeeiro* não aborda essas questões. Não há nenhuma menção ao histórico de conflitos nas comunidades ou na região de forma mais ampliada. Esses elementos não constarem nos boletins não significa afirmar que eles não existam. De acordo com o caderno de conflitos no campo de 2019 elaborado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), as cidades de Guanambi, Itaberaba e Jacobina têm registros de conflito por terra, sendo que Guanambi e Jacobina também registraram conflitos causados pelo hidronegócio. Em todo o estado da Bahia, 9.746 famílias vivem em situação de conflito no campo. O nome do Programa Uma Terra e Duas Águas é alusivo às condições mínimas necessárias para a produção de alimentos e criação de animais no Semiárido, mas é um desafio pensar na garantia do direito à água para famílias que vivem em conflito até pelo pedaço de chão em que vivem.

Por fim, não se poderia pensar nos silêncios e ausências de narrativa sem uma reflexão acerca do próprio P1+2. Isso porque desde 2015 não apenas este programa, mas grande parte das políticas de impulsionamento da agricultura familiar vem sofrendo sucessivos cortes por parte do Governo Federal. De acordo com uma reportagem publicada pelo Portal Uol, em 2020 o ritmo de construções de cisternas caiu 78% na comparação a 2019. Olhando para a data de produção da amostragem de impressos analisada neste artigo, o último boletim é de 2019. Evidentemente, a pandemia pode ter um impacto na falta de impressos, mas poderia ser interessante entender também se este não é um dos reflexos do subfinanciamento dos programas.

O fim das políticas de convivência com o Semiárido tem um impacto direto na vida de milhares de pessoas que estão na fila de espera da construção de cisternas e na disputa de narrativa em torno do Semiárido. Se outros enquadramentos, realidades, imagens e histórias foram drasticamente alterados com a chegada das cisternas e junto delas a visibilidade dadas pelas histórias contadas no *O Candeeiro*, é evidente que o fim destas políticas pode ter um impacto direto na vida dessas famílias e pode trazer de volta à realidade a narrativa hegemônica deste território como um local de miséria, fome e improdutividade, por tanto tempo contestada pela ASA e demais organizações que a compõe.

Considerações Finais

A partir do método de análise de narrativa foi possível visualizar como os boletins *O Candeeiro*, ao mesmo tempo em que são frutos de uma perspectiva mais plural e que acolhe a multiplicidade de modos de existência no Semiárido, também ajudam a disputar uma narrativa e reforçá-la. Ou seja, o boletim é fruto dessa nova visão do que é Semiárido, mas não é apenas ele que ajuda na configuração deste espaço, mas também o que o antecede: a implementação das políticas sociais de acesso à água, e, principalmente, uma mudança de perspectiva em torno da Ater e da Comunicação para o Desenvolvimento Rural. Ouvir as vivências e memórias dos agricultores e agricultoras não é um passo importante apenas na produção dos boletins e construção das narrativas que os enchem de sentido, mas são cruciais para se pensar em como otimizar o uso dos recursos naturais e pensar políticas que se relacionam com as necessidades e contextos das famílias agricultoras.

A partir de uma visão crítica no método de análise de narrativa, foi possível elencar algumas lacunas de temas que se manifestam não na materialidade dos boletins, mas exatamente na falta das abordagens. O conceito de família, a divisão sexual do trabalho e a dupla jornada de trabalho das mulheres camponesas, os conflitos por água e terra no campo e os cortes no financiamento dos programas não estão escritos nos textos ou são mostrados nas imagens, mas fazem parte do contexto onde esses boletins são produzidos. Em parte, esse silenciamento se justifica pelo objetivo central do boletim, que é dar visibilidade aos impactos positivos dos programas, mas por outro lado, a opção em lidar com esses problemas pode ser benéfica do ponto de vista pedagógico. Se os agricultores e agricultoras se reconhecem e criam identificação a partir dos relatos positivos, pautar estas questões pode ser crucial para que estes tomem consciência desses problemas e decidam se querem enfrentá-los.

Por fim, este trabalho não pretende ser um registro definitivo sobre esta temática, estando aberto a contribuições e questionamentos que nos ajudem a compreender ainda melhor como se relacionam as disputas acerca da definição e abrangência do Semiárido e como a constante reconfiguração deste território impacta na produção do *O Candeeiro*.

Referências

- ASA, Articulação do Semiárido. **Programa Uma Terra e Duas Águas**. 1ª edição. Recife, 2013.
- COMISSÃO Pastoral da Terra (CPT). **Conflitos no Campo**: Brasil 2019. Goiânia, 2020.

Disponível em

<<https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/?task=download.send&id=14195&catid=0&m=0&Itemid=0>>. Acesso em 24 abr 2021.

IBGE. **Delimitação do Semiárido**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html?=&t=downloads>> Acesso em: 12 out. 2020.

IQANI, Mehita; RESENDE, Fernando. Theorizing media in and across the global south: Narrative as territory, culture as flow. In: _____. **Media and the Global South Narrative Territorialities, Cross-Cultural Currents**. 1ª ed. New Delhi: Ed. Routledge, 2019.

MADEIRO, Carlos. Em meio à covid, verba de obras para sertanejo armazenar água é reduzida. **Portal Uol**, Maceió, 11 julho 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/07/11/em-meio-a-covid-governo-corta-verba-de-obras-para-sertanejo-armazenar-agua.htm>> Acesso em 24 abr 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Estudos de Narrativa: Entendendo as histórias que contamos. In: _____. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: Projetos, ideias, práticas**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

O CANDEEIRO. Ed. nº 2354. Guanambi: ASA, 2018. Disponível em <<http://asabrazil.org.br/candeeiros/1542951001.pdf>> . Acesso em 24 abr 2021

O CANDEEIRO. Ed. nº 2355. Sebastião Laranjeiras: ASA, 2018. Disponível em <<http://asabrazil.org.br/candeeiros/1549258215.pdf>> . Acesso em 24 abr 2021

O CANDEEIRO. Ed. nº 2374. Jacobina: ASA, 2018. Disponível em <<http://asabrazil.org.br/candeeiros/1540362608.pdf>> . Acesso em 24 abr 2021

O CANDEEIRO. Ed. nº 2375. Caém: ASA, 2019. Disponível em <<http://asabrazil.org.br/candeeiros/1548394201.pdf>> . Acesso em 24 abr 2021

O CANDEEIRO. Ed. nº 2382. Itaberaba: ASA, 2018. Disponível em <<http://asabrazil.org.br/candeeiros/1543037401.pdf>> . Acesso em 24 abr 2021

PROGRAMA Uma Terra e Duas ÁGUAS. Recife: Articulação Semiárido Brasileiro, 2021. Disponível em: < <https://www.asabrazil.org.br/acoes/p1-2> >. Acesso em 24 abr 2020.

RIOS, L. M. **Comunicação Popular e Convivência com o Semiárido: A experiência do SASOP com o Boletim O Candeeiro no Sertão do São Francisco da Bahia**. 2018, 188 F. Dissertação. (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26259>>. Acesso em 20 mar 2021.

SCHRAMM, Wilbur. **Comunicação de Massa e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1970.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o Território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (org). **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007

SILVA, Catarina de Angola Oliveira. **Comunicação para o desenvolvimento na Articulação Semiárido Brasileiro (ASA): análise das representações sociais sobre mulheres no boletim O Candeeiro**. 2018, 142f., Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em <<https://irpaa.org/publicacoes/artigos/dissertaa-a-o-catarinadeangola-ufprpe.pdf>>. Acesso em 03 abr 2021.